

O público e o privado

CADERNO DOS NÚCLEOS E GRUPOS DE
PESQUISA VINCULADOS AO MESTRADO
ACADÊMICO EM POLÍTICAS PÚBLICAS E
SOCIEDADE DA UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO CEARÁ

REITOR

Prof. Dr. Manassés Claudino Fonteles

VICE-REITOR

Prof. Francisco de Assis Moura Araripe

PRÓ-REITOR DE POS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

Prof. Dr. José Jackson Coelho Sampaio

CENTRO DE HUMANIDADES

Prof. João Nogueira Mota

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS (CESA)

Prof. Gedir Lívio de Almeida

CONSELHO EDITORIAL

EDITOR

Prof Dr. Francisco Horacio da Silva Frota

CONSULTORES

Prof Dr João Bosco Feitosa dos Santos
Prof. Dr. Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes
Prof. Dr. Francisco Horácio da Silva Frota
Prof. MS. José Filomeno de Moraes
Prof. Dr. José Jackson Coelho Sampaio
Prof^a. Dr^a Maria Barbosa Dias
Prof^a Dr^a. Maria Celeste Magalhães Cordeiro
Prof^a Dr^a. Maria Helena de Paula Frota
Prof^a. Dr^a SoliaLerche Vieira
Prof. Dr. Ubiracy de Souza Braga
Profa Dra. Liduina Farias Almeida da Costa
Profa Dra Maria Glauciria Mota Brasil
Profa. Dra. Elba Braga Ramalho
Profa. Dra. Francisca Rejane de Bezerra Andrade
Prof. dr. Gisafran Nazareno Mota Juca

CONSULTORES EXTERNOS

Prof. Dr. Manoel Domingos (UFC)
Prof. Dr. Jawdat Abu-El-Haj (UFC)
Prof. Dr. Pedro Demo (UNB)
Prof. Dr. Ronald Chilcote (UniversityCalifornia)
Prof. Dr. Mariano Fernandez Enguita (Universidad de Salamanca)
Prof. Dr. Luiz Jorge Wernek Viana (IUPERJ)
Prof. Dr. Mauricio Domingues (IUPERJ)
Profa. Dra. Maria Alice Resende de Carvalho (IUPERJ)
Prof. Dr. Adalberto Moreira Cardoso (IUPERJ)(IUPERJ)
Prof. Dr. Paulo Filipe Monteiro (Universidade Nova Lisboa)
Dr^a. Maria Lucilia Monteiro (Universidade Nova Lisboa)

PROJETO GRÁFICO

Clarice Frota

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA

Cristiane Moreira -Nupes

ISSN 1519-5481

O público e o privado. Fortaleza: UECE, 2003-. Semestral.
Conteúdo: ano 1, n. 2 , Julho/dezembro, 2003

1.Humanidades e Ciências Sociais

CDD 320.000

Editorial

*O caderno *O público e o privado*, editado pelos núcleos e grupos de pesquisa vinculados ao Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade da Universidade Estadual do Ceará, dedica o seu segundo número aos trabalhos do grupo ‘Oralidade, cultura e sociedade’, que está associado à linha de pesquisa ‘Rural-urbano: cultura, linguagem e patrimônio’. Os textos que compõem este número são resultado das investigações desenvolvidas pelos pesquisadores e pesquisadoras que integram o referido grupo. A diversidade de temas, contemplando os mais variados aspectos das atividades sociais, culturais, políticas, revela a importância das práticas coletivas de reflexão e produção do conhecimento. O grupo ‘Oralidade, cultura e sociedade’ constitui-se num fator de convergência de professores/pesquisadores e alunos de graduação e mestrado, que passam a ter a oportunidade de exercitar a reflexão teórica e empírica, a partir da ampla contribuição advinda do diálogo de olhares diferenciados.*

*Os textos aqui reunidos têm como fio condutor a oralidade em sentido amplo, ou seja, desde a tradição oral das rezadeiras que recitam suas criativas orações¹ a reflexões teóricas sobre o uso das fontes orais². Mas o mosaico que a contribuição deste grupo ajuda a construir percorre caminhos bastante desafiadores e de uma significação política exemplar. Nesse sentido, o trabalho acerca dos *Mendigos do Centro de Fortaleza*, de Valney Rocha, ainda que se apresente como uma pesquisa inicial, sem dúvida retirará do silêncio essa parcela da população que normalmente é alvo apenas das páginas policiais ou das estatísticas do IBGE. Este trabalho se somará a outros como o da professora Ana Maria de Souza (Unirondon-MT), que em sua dissertação de mestrado, *Relatos da Cidade: representações e práticas de apropriações urbanas*, desenvolve uma reflexão a partir dos relatos dos moradores de rua de Cuiabá-MT. Uma outra dissertação que também contempla a população pobre que caminha pelas ruas e estradas deste país é a do professor Leandro Genoino Cerutti (Universidade de Rondonópolis-MT), que tem como título *Deslocamento social e trabalho temporário: práticas e relatos de trabalhadores em Primavera do Leste-MT*.³ Estamos convictos de que este trabalho se constituirá também em rico interlocutor da pesquisa de Valney Rocha.*

*Deve-se registrar, no campo da cultura política, a participação de Alexandre Barbalho, professor de história da UECE – o único que não faz parte do grupo ‘Oralidade, cultura e sociedade’ –, cujo texto, *Espetacularização da cultura nos ‘governos das mudanças’*, contempla uma reflexão teórica acerca do paralelo entre o anunciado ‘governo das mudanças’⁴ e uma visão da política como espetáculo. Sem dúvida, um trabalho que se soma a outros que abordam essa temática, aqui focalizada no Ceará.*

Editorial

Uma professora e uma aluna antecipam em seus respectivos textos a significativa contribuição que suas pesquisas começam a delinear. Maria Esther Barbosa Dias foi em busca dos artesãos conhecidos em todo o Brasil por meio dessa misteriosa capacidade de produzir desenhos com areias coloridas dentro de garrafas. Em seus relatos, os artesãos das areias coloridas de Tibau, Morro Branco e Majorlândia, no Ceará, descrevem o aprendizado dessa arte que vem passando através de gerações. Esther traz à tona também o perigo que ameaça essa rica tradição, em face da especulação imobiliária que está a lotear os locais de acesso às terras coloridas, matéria-prima desses artesãos. O outro trabalho é o da mestrandia Silvana de Sousa perseguindo a memória de Fideralina Augusto de Lima, que exerceu seu domínio sobre Lavras da Mangabeira-CE, entre o final do século XIX e início do XX. Apesar de falecida em 1919, a memória de muitas das suas práticas de poder e dominação continuam presentes na memória da população. Essa pesquisa descortina uma riqueza de signos que poderão contribuir para ampliar a compreensão acerca das tortuosas vias em que se constitui e consolida o mandonismo local.

*Um outro aspecto bastante positivo no grupo é a participação de professores/pesquisadores de outras áreas, além da história. Destacariamos nesse sentido a contribuição da professora Elba Braga Ramalho, do Curso de Música da UECE, que desenvolve uma instigante reflexão sobre a importância da oralidade na cultura musical. Seu texto *Música: uma aventura entre o oral e o escrito* traz à tona elementos pertinentes a esse debate. Um outro texto, que também irá caminhar através do cenário musical, é o de Elídia Clara Aguiar Veríssimo, *O bestiário nordestino na arte da banda Cabaçal dos irmãos Aniceto*. As pesquisas realizadas desvelam uma riqueza musical que transcende o tempo e o espaço dados, já que serão encontrados elementos da própria tradição da poesia medieval e mesmo da representação dramática da Roma antiga. A poética dos Aniceto é um tesouro da cultura da região do Cariri no Ceará, e a oralidade apresenta-se como um elemento constitutivo e instituinte dessa tradição popular. E para finalizar, no que tange ao campo musical temos as ricas reflexões da Professora Mércia Pinto do Departamento de Música da UNB, que apresenta o texto: *Rap: gênero popular da pós-modernidade*. Nesse artigo a autora faz uma ampla análise teórica de todo o contexto em que o Rap atua, analisando suas diversas matizes e o lugar que passa a ocupar na música nacional e internacional. Estabelece ainda um rico diálogo com o filósofo e educador americano John Dewey e o papel da arte e da cultura na sociedade.*

*O texto de Ticiane de Oliveira Antunes, *O 'ser índio': uso da oralidade para o resgate da história do povo Jenipapo Kanindé, através de suas narrativas lendárias*, é mais uma demonstração da prática democrática deste grupo de*

Editorial

pesquisa, ao possibilitar que bolsistas de Pibic tenham também espaço para publicar seus textos. O trabalho de Ticiania poder-se-ia considerar como uma primeira abordagem da história deste povo, a partir do contato com a tradição de narradores de histórias encantadas. Revela ainda uma preocupação com questões de ordem metodológica, bem como da própria historiografia sobre o tema, o que demonstra que a pesquisadora trilha caminhos que a ajudarão a ampliar o estudo do seu objeto.

A professora Valéria Maria Sampaio Mello, do Departamento de Línguas Estrangeiras da UECE no seu texto realiza uma provocante análise sobre a influência cultural dos Estados Unidos no Brasil e no Japão, após a segunda guerra mundial. Seu trabalho busca resgatar estratégias e práticas culturais americanas nesses dois países e sobretudo a forma como essas influências serão recepcionadas em culturas tão distintas. Suas reflexões nos fazem pensar como as nações através da cultura reagem de forma completamente diversa às influências advindas de outros países. E, também como a cultura é uma prática que a nível internacional projeta-se no campo do imperialismo ou das redes de dominação internacional. Esses são alguns dos importantes temas e reflexões que o trabalho da Professora Valéria Mello suscita.

O texto que intencionalmente deixamos para as considerações finais desta nossa apresentação – O significado da ferrovia no cotidiano da vida interiorana – é do professor/pesquisador Gisafran Nazareno Mota Jucá, coordenador do grupo. Em suas entrevistas o trem é lembrado como um meio de locomoção que transportava, além de passageiros, sonhos perdidos de um outro tempo, o da infância, como recorda Maria Otacília. De uma maneira muito própria, o autor mergulha e reconstrói práticas de um passado recente, utilizando o trem como forma de produção de sociabilidades, relações de trabalho, divisões regionais e um conjunto amplo de práticas sociais que, transformadas ao longo do tempo, muitas ainda resistem à velocidade avassaladora do presente.

À medida que li esse conjunto plural de textos, outras memórias me vieram à lembrança. Poderia iniciar trazendo à reflexão o significado em nossos textos historiográficos das citações transportadas de autores que escreveram em função de outras sociedades, outros momentos históricos, outras circunstâncias. Sobretudo, na medida em que o modelo newtoniano, cartesiano e galileano de pensar o real não impera como verdade absoluta. Dessa forma, em função das ressonâncias próprias dessas mudanças, que também alcançam a literatura, a pintura, a psicanálise, a filosofia, a música, o historiador é desafiado a ter uma atenção e um cuidado redobrados ao transportar de outros tempos e lugares históricos idéias, exemplos, reflexões. Somos coetâneos da desconstrução do real como representação de um tempo e um espaço absolu-

Editorial

tos. A perda desse estatuto referencial instituinte do real nos obriga a construir novos caminhos que possibilitem o diálogo com outros autores, outros referenciais históricos. Na medida em que a evidência e a objetividade não reinam impassíveis como estatuto primeiro do método científico, somos desafiados a abandonar as palavras-chave que pareciam desvendar o real, e passar a lapidar com nossas descrições o real como produção do conhecimento. Toda essa reflexão, que nesta breve apresentação só temos o intuito de anunciar, nos desafia a pensar que cada vez menos o historiador poderá considerar o documento, seja oral ou escrito, como prova da verdade do acontecido, e sim muito mais como uma construção de grupos, de classes, de segmentos sociais. E nessa agenda, seu desafio é analisar e refletir a partir do presente, ou seja, das questões que a documentação e o referencial teórico-metodológico lhe sugerem, atento para não reificar o passado, mas para destruí-lo como memória de significados que se desejam eternos, como ícone, como fórmula de verdades acabadas. Ao historiador cabe o desafio de refazer, reconstruir respostas ao futuro, pois toda história é história do presente.

Por outro lado, muito há que se ler e refletir sobre o estatuto da memória. Tanto em sua dimensão histórica, que adquire contornos próprios da sociedade na qual nossos estudos e pesquisas são alvos, bem como em suas dimensões propriamente epistemológicas. Nesse sentido, deve-se estar atento em produzir uma concepção de memória em sintonia com os múltiplos e complexos discursos e práticas da sociedade que se busca historicizar. Ao mesmo tempo, tendo em vista algumas características da memória, há que se refletir acerca de dimensões que lhe são constituintes. Entre elas é importante destacar que a memória, ao operar de forma seletiva, é também construção e reconstrução de um passado que não se encontra depositado amorfo em nossas mentes, todavia, muito pelo contrário, está atuando e informando nossa percepção, nosso pensar, nosso sentir e, por extensão, nosso agir. Dessa forma, não é passado apenas, mas também presente. Nessa dinâmica, da própria experiência com o movimento e as mudanças que o presente oferece, a memória é desafiada a um ressignificar constante, embora muitas vezes o discurso projete a imagem de um tempo sem mudanças, congelado. Essa, poder-se-ia pensar, é mais uma armadilha da memória, muito próxima daquela que a imagina reprodutora de fatos e acontecimentos lineares.

Contemplar a memória é possibilitar o avatar de um passado/presente que, revisitado, renasce carregado de marcas em constante ressignificar. E nesse sentido, revela núcleos carregados de significações, exemplos, sabedorias de vida, sendo por essa razão tão fundamental às ações no presente.

Editorial

*Esse conjunto de textos que o grupo de pesquisa 'Oralidade, cultura e sociedade' produziu para este número da revista *O público e o privado* oferece muitos caminhos que enriquecerão ainda mais as trilhas dessa reflexão e, por extensão, a produção de uma historiografia crítica de mitos e memórias acabadas.*

Notas de rodapé

*1 No texto intitulado *Lembranças de curas: rezadeiras, mezinheiros e parteiras do Sertão Central*, de autoria do professor Francisco Carlos Jacinto Barbosa e sua orientanda de pesquisa Francisca Eudésia Nobre Bezerra.*

*2 Nos textos *História Oral: uma opção metodológica*, da mestranda Rúbia Cristina Martins Gonçalves e *Oralidade e cultura escrita na abordagem da história da alfabetização*, da professora Suzana Marly da Costa Magalhães.*

3 Essas duas dissertações a que nos referimos foram defendidas no Programa de Mestrado em História da Universidade Federal de Mato-Grosso.

4 O professor Alexandre Barbalho aponta em seu texto como a partir da chegada ao governo do estado, em 1987, o empresário Tasso Jereissati e seu grupo se autoproclamam 'Geração das Mudanças'.

Sumário

<i>SUZANA MARLY DA COSTA MAGALHÃES</i> <i>Oralidade e Cultura Escrita na Abordagem da História da Alfabetização</i>	11
<i>ELBA BRAGA RAMALHO</i> <i>Música:</i> <i>uma aventura entre o oral e o escrito</i>	21
<i>RÚBIA CRISTINA MARTINS GONÇALVES</i> <i>História Oral:</i> <i>uma opção metodológica</i>	29
<i>GISAFRAN NAZARENO MOTA JUCÁ</i> <i>O Significado da Ferrovia no Cotidiano da Vida Interiorana</i>	37
<i>MARIA ESTHER BARBOSA DIAS</i> <i>As Areias Coloridas do Litoral Cearense Modeladas por Sábias Mãos</i>	47
<i>VALNEY ROCHA MACIEL</i> <i>A Metodologia da História Oral junto aos Mendigos</i> <i>do Centro de Fortaleza</i>	63
<i>SILVANA DE SOUSA PINHO</i> <i>Rosário de Orelhas:</i> <i>memória mítica de Fideralina Augusto de Lima</i>	71
<i>VALÉRIA MARIA SAMPAIO MELLO</i> <i>Tradição e Intervenção Cultural Norte-americana no Japão</i> <i>e no Brasil do Pós- II Guerra</i>	81
<i>ALEXANDRE BARBALHO</i> <i>Espetacularização da Cultura nos</i> <i>”Governos das Mudanças”</i>	95
<i>TICIANA DE OLIVEIRA ANTUNES</i> <i>O “Ser Índio”: uso da oralidade para o resgate da história do povo de Jeninpapo</i> <i>Kanindé, através de suas narrativas lendárias</i>	105

MÉRCIA PINTO

Rapp:

gênero popular da pós-modernidade.....117

ELÍDIA CLARA AGUIAR VERÍSSIMO

O Bestiário Nordestino na Arte da Banda Cabaçal

dos Irmãos Aniceto.....129

FRANCISCO CARLOS JACINTO BARBOSA e FRANCISCA EUDÉSIA NOBRE BEZERRA

Lembranças de Curas:

rezadores, mezinheiros e parteiras do Sertão Central.....143